

# Religião, Ontologia e Política na Obra Inicial de Paul Tillich

Eduardo Gross\*

---

## *Abstract*

This article's main goal is to discuss the relationship between some elements of the ontology that grounds Paul Tillich's religious thought and his political ideas. Its main focus is on the early years of Tillich's intellectual development, since it was during this time that he more openly expressed his political views. The themes addressed by this brief study are his conception of history; his concepts of *kairos* and *theonomy*; his appreciation of Marxism and socialism; and the notions of *Protestant principle* and the *Gestalt of grace*. Finally, some critical remarks are made about the ideas which were presented.

**Key words:** Paul Tillich; Religion; Ontology; Politics.

---

## *Sinopse*

O objetivo principal deste artigo é apresentar a relação entre alguns elementos da ontologia que embasa o pensamento religioso de Paul Tillich e suas idéias políticas. A ênfase no tratamento da questão é dada ao período inicial de sua atividade teórica, uma vez que nesta as afirmações de caráter político são mais evidentes. Especificamente são tratadas a concepção de história, os conceitos de *kairós* e de *teonomia*, a apreciação do marxismo e do socialismo, as noções de princípio protestante e *Gestalt* da graça. por fim são feitas algumas

---

\* Doutor em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da *Escola Superior de Teologia* (IEPG-EST); pesquisador do NEPREL e professor visitante da Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF.

considerações críticas a respeito das concepções descritas.

**Palavras-chave:** Paul Tillich; Religião; Ontologia; Política.

---

Todo o pensamento teológico de Paul Tillich se desenvolve a partir da análise da existência humana, sempre a partir de polaridades que expressam as potencialidades e os limites desta existência. É a partir de tal análise que ele chegou a elaborar uma ontologia, buscando assim ancorar a sua compreensão da existência numa concepção mais abrangente da realidade. No desenvolvimento deste processo as concepções políticas de Tillich não só se manifestaram nos conceitos utilizados, mas inclusive ajudaram no desenvolvimento de alguns deles. Sua concepção teológica da política se relaciona intimamente com suas noções sobre ética, sobre filosofia da história, sobre decisão existencial e sobre a compreensão simbólica da realidade em sua ontologia.

### 1. A Compreensão da História<sup>1</sup>

Evidentemente, toda concepção política pressupõe uma determinada compreensão da história. A história sempre é mais do que simplesmente uma coleção de fatos. Ela é um ambiente de sentido, onde os fatos estão interligados de tal forma à existência que considerar algum elemento mais relevante do que outro é sempre um ato político.

É assim que também Tillich se pergunta pelo sentido da história. Para que se possa compreender a concepção por ele apresentada, é interessante colocá-la diante de algumas questões. Uma primeira questão diz respeito ao método pelo qual é possível descobrir o sentido na história. Uma segunda e imprescindível questão é sobre a natureza e as implicações deste sentido. Para a compreensão destas questões na forma como Tillich as responde, é

---

1 Para o exame dos primeiros desenvolvimentos da filosofia da história de Tillich, especialmente em sua relação com o seu caráter “cristológico”, cf. Paul TILLICH, *Christologie und Geschichtsdeutung*, in: *Religiöse Verwirklichung*, 2. Aufl., Berlin: Furche Verlag, 1930, p. 110-27.

importante notar que a filosofia da história por ele desenvolvida não é somente uma construção abstrata, mas que ela começou a ser formulada com o objetivo de oferecer resposta a problemas políticos concretos. Isto se refere particularmente à realidade alemã dos anos vinte e trinta. Por fim, uma terceira questão que pode ser colocada é em que medida a integração destas idéias políticas na sua ontologia auxilia ou prejudica a sua recepção contemporânea.

Para Tillich, há duas formas básicas de se compreender a história — ou seja, de interpretar a relação entre os dados históricos e o sentido da história. A primeira é a *compreensão não histórica da história*. Como exemplos desta concepção ele aponta para as religiões místicas do Oriente, assim como para o neoplatonismo e a visão trágica dos gregos. O elemento comum nestes tipos de compreensão, segundo ele, é que o sentido absoluto nunca está completamente manifesto na própria história, ele sempre está além — seja sob forma de uma autonegação mística ou numa essência transcendente. Desta forma, a história se torna um desenvolvimento trágico de fatos que ocorrem numa forma circular, em última análise sem início, sem fim e sem sentido. Um outro exemplo deste tipo de visão ele enxerga nas (por ele assim denominadas) “religiões primitivas”. Nestas ele vê a precedência da categoria *espaço* sobre a categoria *tempo*, o que é exemplificado com o fato de que o sagrado se identifica com uma parte específica da terra ou com um grupo étnico particular. Neste caso, o sentido absoluto está colocado num determinado espaço, não no tempo. Este sentido também não é buscado na relação com o futuro, ele já existe. Porque o Absoluto se faz presente de uma forma concreta num dado espaço geográfico ou étnico, o futuro não pode representar uma proposta distinta de sentido. Para Tillich, a consequência prática desta visão espacial do sagrado é o politeísmo, uma vez que há vários espaços e grupos particulares com a reivindicação de manifestarem a verdade absoluta ao mesmo tempo. Ocorre inclusive uma luta pela primazia em santidade.

A outra forma de se entender a história é o *modo histórico de compreensão da história*. Para Tillich, o Zoroastrismo, o Judaísmo (e especialmente o movimento profético), o Cristianismo (e particu-

larmente o protestantismo), o Islã, o marxismo e o desenvolvimentismo burguês são os exemplos mais próprios desta compreensão. Nesta compreensão da história, para Tillich, o elemento básico é que há um *centro*, um evento histórico fundamental, onde o sentido absoluto da história se revela e ocorre a manifestação de algo transcendente em relação ao cotidiano. No Cristianismo isso se exemplifica com a encarnação de Cristo, no judaísmo Tillich se refere à libertação do Egito e à sua prefiguração na vocação de Abraão para a saída de sua terra em direção à promessa. No caso das formas secularizadas, as revoluções e datas de independência política correspondem a tais centros. Em todo caso, somente quando se estabelece tal *centro* é possível conceber um início e um fim, elaborar uma periodização e esboçar a meta da história. É neste mesmo sentido que ele fala da necessidade de um elemento cristológico em qualquer compreensão histórica da história — pois tal compreensão pressupõe a conceptualização da relação entre fatos históricos particulares e o sentido absoluto e universal da história. A consequência é que a categoria *tempo* tem precedência sobre a categoria *espaço*, sendo que a expressão religiosa disso é a forma monoteísta de culto.

Até aqui o que se refere ao modo como Tillich entende a relação entre história e sentido. Quanto às funções que esta compreensão desempenhou na área da concepção política de Tillich, é importante observar o contexto da análise prática que ele fazia na década de trinta. É justamente esta confrontação entre uma concepção da história cíclica e uma concepção “cristológica” que serviu para a análise crítica do movimento nazista. A proclamação nazista — do povo alemão como raça superior — é interpretada como uma declaração de que para o nazismo é no espaço ocupado por este povo que acontece a revelação do sentido. Continuando nesta mesma direção, Tillich entende que o fundamento para o anti-semitismo nazista é encontrado no fato de que o povo judeu é o melhor exemplo de um povo constituído a partir da consciência histórica. A sua existência enquanto povo não dependente de um espaço próprio reforça ainda mais este fato. Desta forma, a simples existência do povo judeu enquanto povo com identidade própria é

uma crítica intrínseca a qualquer tentativa de absolutização do espaço. O anti-semitismo nazista é visto, pois, como uma tentativa de suprimir o tempo em favor de um novo politeísmo baseado no espaço.<sup>2</sup>

## 2 - *Kairós* e Teonomia

Os conceitos de *kairós* e *teonomia*, na teologia de Tillich, são a forma de sua resposta ao problema desta relação entre transcendência e história. Mesmo que estes sejam conceitos de sua filosofia da história e em geral de sua ontologia, é importante notar que justamente estes termos têm sua origem no desenvolvimento do pensamento de Tillich em conexão com seu envolvimento no movimento do *socialismo religioso* do início do século na Alemanha. É provavelmente este último que vai servir de fundamento para a reivindicação de Tillich em favor de uma ontologia não abstrata, não separada da história. Para ele, é necessário elaborar uma filosofia da história que irrompa numa ontologia dinâmica.<sup>3</sup>

O movimento do socialismo religioso alemão não se constituiu em uma organização coerente, nem havia nele um pensamento homogêneo. Sua influência prática na política provavelmente terá sido muito pequena. Tratava-se de um movimento teológico, não de uma aglutinação política. O próprio Paul Tillich fala de diversos ramos neste movimento. Os dois mais importantes, em sua opinião, seriam o ramo prático-político e o ramo dialético ou dinâmico. Para Tillich, o objetivo do ramo prático-político era reaproximar o proletariado das instituições religiosas. Embora ele não o expresse muito claramente, pode-se pensar aqui no grupo suíço e também na atividade inicial do teólogo Karl Barth. O ramo dialético ou dinâmico, por outro lado, seria representado pelo grupo de pensadores a que o próprio Tillich se sentia ligado. As intenções deste grupo seriam descobrir o fundamento comum existente entre

---

2 Tillich, *Christologie...*, p. 290, nota 26.

3 Quanto a esta reivindicação, cf. TILLICH, *Die Sozialistische Entscheidung*, in: *Gesammelte Werke*, Bd. 2, Stuttgart : Evangelisches Verlagswerk, 1962, p. 239, nota 6.

religião e movimento socialista, desenvolvendo uma interpretação simbólica deste movimento e revelando a referência da religião à realidade concreta.<sup>4</sup> A denominação que este grupo tinha assumido para si era justamente “Grupo *Kairós*”.

Tillich afirma que o conceito de *kairós* pode ser usado para descrever tanto a Revelação de Cristo na teologia quanto qualquer evento histórico fundamental na filosofia da história. O conceito representa a unidade entre a dialética histórica horizontal e a manifestação do transcendente. A origem grega do termo manifesta o sentido de *tempo oportuno*. Esta origem é usada por Tillich para dar importância a dois elementos na constituição de um *kairós*: em primeiro lugar, pressupõe-se uma configuração histórica específica; em segundo, a manifestação de sentido surge em meio a esta configuração concreta. Assim, não há uma desvalorização da realidade humana ou mundana através de uma transcendência sobrenatural; mas também não há uma imanência pura, na forma de uma dialética intra-histórica em que o sentido de todos os fatos pudesse ser esgotado pela explicação a partir de seus antecedentes causais. Esta segunda possibilidade é rejeitada porque através dela se deixa de observar o caráter questionador do aparecimento do “novo” na história.

O resultado de uma tal irrupção do transcendente num determinado *kairós* torna possível uma *teonomia*. O termo é escolhido para representar uma alternativa à disjuntiva entre autonomia e heteronomia. Para Tillich, a busca por autonomia é um anseio legítimo de se libertar de estruturas autoritárias que negam a liberdade. Ele entende também, no entanto, que muitas vezes esta busca por liberdade se apresenta apenas como uma força crítica, destrutiva, ou meramente como uma formalidade. De acordo com a filosofia da história de Tillich, uma *teonomia* é representada por uma realidade histórica concreta em que a liberdade humana está preenchida de sentido. Numa tal situação histórica, a liberdade não é

4 TILLICH, Religious Socialism, in: *Political Expectation*, Lanham: University Press of America, 1971, p. 40-2 [originalmente: Religiöser Sozialismus II (1930), in: *Gesammelte Werke*, Bd. 2, Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1962, p. 159-60].

entendida como uma realidade formal — como no caso da democracia representativa em que há eleições para os governantes. Tillich entende que numa sociedade teônoma a vida em geral expressa o sentido fundamental mostrado a esta sociedade num *kairós* que tem um caráter revelatório. Neste sentido, se poderia dizer que teonomia é o efeito duradouro de um *kairós* anterior. Na época em que Tillich começou a formular estes conceitos, ele via o movimento socialista como o intérprete mais consciente do *kairós* então presente. Para ele, portanto, o *socialismo religioso* tinha a tarefa de interpretar o movimento socialista de uma maneira teônoma.<sup>5</sup>

### 3 - Socialismo e Marxismo

Pode-se dizer, em termos gerais, que a atitude de Tillich em relação ao socialismo passou de uma forte (mas cuidadosa) simpatia após a Primeira Guerra Mundial para uma atitude bem mais distanciada após a Segunda Guerra Mundial. Naqueles primeiros tempos, ele chegou a estar inscrito no Partido Social-Democrata alemão, alinhado com a vertente mais radical. Ao fim de sua vida ele pensava que um outro *kairós* deveria ser esperado, mas ele não podia enxergar nenhum em seu horizonte histórico.<sup>6</sup>

Para situar o posicionamento de Tillich frente ao socialismo, é importante recordar que o movimento socialista antes da Segunda Guerra Mundial tinha uma forte influência marxista. Havia ocorrido uma divisão nos partidos social-democratas na Europa por ocasião da eclosão da Primeira Guerra Mundial, divisão esta cujo elemento final foi a recusa dos grupos comunistas em apoiar a guerra — vista como um conflito imperialista. Além disso, os grupos se distinguiam pelo modo como entendiam que se daria o surgimento do socialismo

5 Cf. o artigo “Kairós”, de 1922, impresso como capítulo III de TILLICH, *A Era Protestante*, São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992. [= *The Protestant Era*, Chicago: The University of Chicago, 1948]; especialmente interessantes são as partes IV e V deste artigo.

6 TILLICH, *The Political Meaning of Utopia*, in: *Political Expectation*, p. 180 [originalmente: *Die Politische Bedeutung der Utopie im Leben der Völker*, in: *Gesammelte Werke*, Bd. 6, 2. Aufl., Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1963, p. 210].

— os grupos social-democratas propriamente ditos viam a possibilidade do socialismo como um desenvolvimento interno do capitalismo, enquanto que os comunistas defendiam uma ruptura radical. Em todo caso, havia uma radicalidade maior entre os social-democratas de então do que nos partidos social-democratas atualmente existentes. Um exemplo pode ser visto no partido social-democrata alemão, que rejeitou a concepção marxista de socialismo só quando de sua refundação após a Segunda Guerra Mundial.

Neste contexto, Tillich tinha relações com círculos social-democratas, e a sua análise do marxismo espelha a recepção do marxismo por eles. Sua proximidade com relação a vários participantes da Escola de Frankfurt também deveria ser mencionada aqui — deve-se mencionar especialmente Theodor W. Adorno, que teve Tillich como orientador na sua tese de habilitação acadêmica, e que inclusive foi um dos oradores por ocasião das cerimônias fúnebres de Tillich; também Max Horkheimer tinha uma relação muito próxima com Tillich, inclusive com encontros regulares entre ambos. Menos fundamental, mas também digna de nota, foi a discussão constante que Tillich travou com os escritos de Erich Fromm.<sup>7</sup>

No que tange à sua apreciação do marxismo, é importante notar que Tillich estabelece uma diferença entre as idéias de Karl Marx e o marxismo. Ele considera Marx um representante do pensamento existencial do século 19. O marxismo é visto como uma popularização sem a profundidade do pensamento do próprio Marx. No entanto, há alguns elementos do pensamento de Marx expressos no marxismo que são considerados positivamente por Tillich. Um exemplo é a idéia de que a sociedade capitalista manifesta uma *luta de classes*. Para Tillich, é impossível uma crítica “neutra” à noção de luta de classes por parte de grupos cristãos a partir da idéia do amor devido a todo ser humano.<sup>8</sup> No entanto, a luta de classes não é uma meta a ser perseguida: ela é simplesmente uma

7 Cf. Wilhelm PAUCK, Marion PAUCK, *Paul Tillich: His Life and Thought*, San Francisco: Harper & Row, 1989, p. 115-16, 155, passim.

8 Cf. TILLICH, *Klassenkampf und Religiöser Sozialismus*, in: *Religiöse Verwirklichung*, p. 208-09.

realidade objetiva presente na sociedade capitalista. Tillich vai afirmar, além disso, que é necessário que se tome consciência desta realidade; ele inclusive defende a utilização prática da luta de classes por parte do proletariado com o objetivo de buscar uma sociedade melhor, onde a luta de classes terá sido eliminada. Por outro lado, Tillich não entende a luta de classes como o motor da história. A luta de classes permanece uma concepção simplista ao não dar espaço para a irrupção do novo na realidade — o que, para Tillich, é possível a partir da idéia de *kairós*. Outro elemento utilizado por Tillich é a noção de ideologia, no sentido de expressão da falsificação — mesmo que inconsciente — da realidade para a proteção de interesses econômicos. Ele, no entanto, discorda do reducionismo que se encontra na afirmação de que toda expressão cultural possa ser explicada ou derivada de uma *base material*. Em todo caso, a versão stalinista do marxismo é inquestionavelmente rejeitada por Tillich.<sup>9</sup>

O mais importante para a compreensão do pensamento político de Tillich em relação ao marxismo, no entanto, é a interpretação crítica do socialismo por ele apresentada. A mais longa exposição deste tema se encontra no seu livro *A Decisão Socialista*, de 1932.<sup>10</sup> É importante notar que a referência a uma “decisão” no título deste escrito não diz respeito a uma preferência política de Tillich que ele torna pública no livro. Trata-se, antes, da decisão que ele conclama o movimento socialista a fazer para que possa ganhar apoio das massas e conquistar o poder. Por outro lado, também é importante observar que no início do livro Tillich afirma

9 Quanto a estes aspectos, cf. o artigo onde, em seu período tardio, o teólogo ainda reafirma estas idéias: TILLICH, Christianity and Marxism (1960?), in: *Political Expectation*, p. 89-96. Quanto à questão da ideologia, cf. ID., *A Era Protestante*, p. ex. p. 103 [originalmente: *Religiöse Verwirklichung*, p. 76-7; versão inglesa: *The Protestant Era*, p. 74-5] e 269.

10 O presente parágrafo é praticamente um resumo deste escrito (*Die Sozialistische Entscheidung*, p. 219-65.) Além disso, também os artigos reunidos no livro *Religiöse Verwirklichung* — alguns deles depois reimpressos no livro *A Era Protestante* — servem de base à descrição. Um outro artigo importante é Christianity and Marxism (1960?), in: TILLICH, *Political Expectation*, p. 89-96.

que as críticas que ele faz deveriam ser entendidas como críticas ao socialismo *a partir de dentro* do movimento socialista. A publicação deste escrito foi uma das peças importantes na perda da sua cátedra universitária quando da chegada ao poder do nazismo em 1933.

Quanto ao conteúdo deste escrito, ele apresenta a formulação de um *princípio socialista*. O conceito de *princípio* é tomado por Tillich de Ernst Troeltsch, e quer expressar o poder de ser de uma realidade dada. Não quer significar uma abstração da realidade, algo como uma essência metafísica. Mas também não se identifica simplesmente com a realidade dada. Trata-se de um tipo de essência histórica.<sup>11</sup> Neste sentido, qualquer princípio, para se manifestar como uma realidade concreta, pressupõe uma decisão humana. É desta forma que Tillich usa o conceito de *princípio* também na sua conhecida expressão *princípio protestante*.

Tillich examina seis elementos por ele considerados centrais no movimento socialista de seu tempo: (a) a antropologia imanente, que vê o ser humano somente do ponto de vista de sua racionalidade; (b) a compreensão mecânica da história, que afirma a superação inevitável do capitalismo pelo socialismo; (c) a divisão entre poder e amor, que, conforme Tillich, faz com que a social-democracia exerça um poder “envergonhado”; (d) a divisão entre cultura e sociedade, que vê manifestações culturais somente como um assunto de foro pessoal (a relação da social-democracia com a religião é usada como exemplo neste caso); (e) o acento internacionalista, que esquece a necessidade de identificação entre um povo e suas comunidades, seu solo, suas tradições; (f) a antinomia do planejamento econômico, que pressupõe uma racionalidade pura na comissão de planejamento. Seu objetivo, ao expor criticamente

11 TILLICH, *Die Sozialistische Entscheidung*, p. 233; cf. tb. *ibid.*, p. 320, onde ele dá a definição de *Princípio Socialista*; no que se refere ao texto citado de Troeltsch, Tillich remete a Ernst TROELTSCH, *Gesammelte Werke*, Bd. 2, p. 386 e seguintes; quanto a aplicações dessa concepção de *princípio* no que se refere ao *Princípio Protestante*, ele remete para seus escritos “Religiöse Verwirklichung” e “Protestantisches Prinzip und Proletarische Situation” (este último reproduzido mais tarde em *A Era Protestante* como capítulo XI; vários dos artigos presentes em “Religiöse Verwirklichung” também integram — com algumas reformulações — esse livro).

estes elementos, é mostrar que eles não são essenciais ao *princípio socialista*. Pelo contrário, conforme Tillich, eles expressam justamente o *princípio burguês* (também examinado por Tillich no escrito), e foram tomados dele sem crítica por parte do movimento socialista. O *princípio burguês* é caracterizado como autonomia pura, como formalidade sem substância.

A formulação do *princípio socialista* expressa as sugestões de Tillich para a reformulação do movimento socialista. A proposta fundamental é a crítica à racionalidade formal que preside o *princípio burguês* e foi assumida acriticamente pelo movimento socialista. Neste sentido, seria necessário unir os elementos de autonomia formais com conteúdos particulares concretos: (a) o movimento deveria estar fundamentado na substância original, que inclui as idéias de espaço como nação, família, solo e também idéias religiosas do Cristianismo — mas estes elementos deveriam ser utilizados de maneira simbólica, não acriticamente como sempre têm feito os movimentos conservadores; (b) dever-se-ia refletir sobre a concepção da essência humana que aparece como o modelo a ser realizado na história (assim como mais tarde, na sua *Teologia Sistemática*, ele vai falar de Cristo como a essência humana revelada na história); (c) a história tem de estar aberta para a novidade, e, portanto, o movimento socialista precisa ter uma atitude de espera ativa em relação ao futuro. Tillich contrapõe tal espera ativa (*Erwarten*) a uma pura espera passiva como a que se demonstra na concepção mecânica da história (*Warten*). Estes os principais elementos utilizados para prover soluções aos problemas anteriormente apontados como presentes no movimento socialista.

Basicamente pode-se dizer, pois, que Tillich adverte contra dois perigos. Em primeiro lugar, ele afirma que o movimento socialista está esquecendo a substância concreta da vida e suas expressões simbólicas. Desta forma, ele está deixando o campo aberto para a expansão do nazismo, que tem se apropriado de todos os símbolos germânicos e os tem distorcido de maneira demoníaca. Tillich sugere a este respeito que o movimento socialista una suas atividades políticas com os símbolos tradicionais que expressam o conteúdo da cultura popular. Isto, evidentemente, não deve ser feito

acriticamente, mas reconhecendo que os símbolos estão embasados numa realidade transcendente. A utilização de símbolos expressivos implicará ao mesmo tempo o reconhecimento da transcendência tanto do ser humano quanto da realidade do mundo. Isto superará a ontologia puramente imanente herdada da concepção burguesa pelo movimento socialista.

Em segundo lugar, Tillich adverte que, ao tentar ser puramente formal, o movimento socialista se coloca na posição perigosa de estar aberto ele mesmo a absolutizações impróprias da realidade relativa. Ao fazer isto, ele também pode se tornar um movimento “religioso” acrítico, dando lugar ao demônio dentro de si. Isto repetiria o processo histórico já acontecido durante o desenvolvimento da sociedade burguesa previamente criticado por Tillich em seu livro. A falta de transcendência leva a uma absolutização de realidades relativas e a uma demonização no seio do movimento socialista.

Em seus escritos tardios, Tillich sempre vai reafirmar a interpretação do nazismo e do comunismo stalinista como expressões demoníacas, justamente por causa da apropriação acrítica dos símbolos por estes movimentos. Foi isto que, na sua visão, os fez absolutizarem realidades relativas. Desta forma, as interpretações por eles formuladas não são mais expressão de propostas de possibilidades históricas, mas uma simples apresentação de realidades particulares como absolutas.<sup>12</sup>

#### 4 - O Princípio Protestante e a *Gestalt* da Graça<sup>13</sup>

O *princípio protestante* é outra idéia nascida em meio às dificuldades políticas próprias ao período dos primeiros anos da atividade teológica de Tillich na Alemanha. Ele quer expressar uma

---

12 Para a verificação de ecos tardios destas concepções, cf. p. ex. TILLICH, *Christianity and the Encounter of World Religions*, New York, London, 1963, p. 3-25.

13 Ao invés de ser traduzido por *forma*, o termo *Gestalt* tem sido mantido no original nas traduções tanto para o inglês (cf. TILLICH, *The Protestant Era*, p. ex., p. 218, supervisionada pelo próprio Tillich) quanto para o português (cf. ID., *A Era Protestante*, p. ex., p. 223-24, 226, 229-31, 234). Quanto à descrição aqui apresentada, cf. ID., *ibid.*, cap. XIV: O Poder Formativo do Protestantismo [originalmente, com muitas distinções no texto: *Religiöse Verwirklichung*, cap. II: Das Religiöse als gestaltendes Prinzip: Protestantische Gestaltung, p. 43-64).

realidade que é ao mesmo tempo maior e menor do que as igrejas protestantes. É maior porque expressa o protesto contra a reivindicação de ultimidade por qualquer formação histórica concreta. Esta ultimidade está sempre reservada, no pensamento de Tillich, para o que ele chama Realidade Última, o Sentido Absoluto ou o Incondicional. O *princípio protestante* se mostra como o elemento que impulsiona a crítica às usurpações que ocorrem quando uma realidade finita se arroga um caráter absoluto. Assim, o *princípio protestante* tem se expressado, conforme Tillich, principalmente através do profetismo judaico, por igrejas protestantes ou pelo movimento socialista. Ele, no entanto, também é menor do que as próprias igrejas protestantes porque nenhuma igreja protestante expressa este princípio de forma cabal. E isto é também impossível, pois cada protesto pressupõe uma realidade concreta que o efetive, ou seja, ele deve ser formulado a partir de um lugar particular.

O único lugar de onde tal protesto pode ser feito, na opinião de Tillich, é de uma *Gestalt da graça*. Este conceito expressa, por um lado, a necessidade de uma forma ou instituição histórica que tenha existência concreta. Sem uma tal concreticidade histórica não haveria protesto algum. Por outro lado, tal conceito expressa o fato de que tal forma não tem existência somente a partir de si mesma. A possibilidade de expressão de qualquer protesto, neste sentido, não é imanente à sua estrutura institucional. Ela é dada, e assim ela existe somente por graça. Portanto, pode-se dizer que o princípio protestante expressa um protesto transcendente, mas na esfera do real; tal protesto sempre tem de se manifestar a partir de uma realidade imanente.

Esta concepção é importante para o pensamento político de Tillich em dois sentidos. Em primeiro lugar, ela torna possível a crítica a realidades sociais. Movimentos políticos, poderes econômicos, instituições populares, regimes totalitários e autoproclamadas democracias são através dela lembrados de que nenhuma dessas realidades tem o caráter último, sendo apenas manifestações ambíguas. Em segundo lugar, o *princípio protestante* torna possível também a crítica a instituições religiosas, igrejas, movimentos reli-

giosos e outras formas de expressão espiritual. Isto não só pela crítica à sua reivindicação de serem representações legítimas do Incondicional no universo religioso, mas também pela análise de suas opções políticas concretas.

O próprio Tillich chegou a ser questionado pelo consistório da Igreja Evangélica da Prússia acerca de suas relações com o movimento socialista. Hoje se poderia ver como um erro essa injunção da estrutura eclesiástica na atividade do teólogo. Mas, em todo caso, ela manifesta que esta igreja também tinha uma opção política, mesmo que argumentasse contra Tillich que o poder espiritual não deveria ser misturado com o poder temporal. Tillich invocou justamente o *princípio protestante* para contestar a posição política da sua própria igreja protestante. Ele sabia que este protesto podia expressar-se somente pela fé de que neste momento particular a manifestação da graça que possibilita o protesto estava com ele, e não com a igreja. Esta fé pressupõe risco e coragem. Tillich sabia que ele podia estar errado, e que ele seria julgado. Mas qualquer manifestação positiva do poder de ser, também no universo político, pressupõe um tal risco, uma tal coragem e uma tal fé.

## 5 - Algumas Observações

### 5.1 - Sobre o Uso da Filosofia da História na Elaboração da Concepção Política

O caso de Tillich é ilustrativo no fato de que a sua filosofia da história representa uma elaboração racional para um posicionamento prático já tomado de antemão. Tillich tinha, em princípio, rompido com o pensamento político romântico conservador já por ocasião da Primeira Guerra Mundial. Quando elabora sua filosofia da história, ele está na verdade elaborando esta tomada de posição frente ao que tradicionalmente era concebido como a postura natural da religiosidade dominante da época.

Neste sentido, alguns elementos precisam ser olhados com cuidado. Em primeiro lugar, é notório que a exposição de Tillich simplifica a situação política ao opor a vertente cíclica à “cristológi-

ca”. Isto porque, na prática, era necessário que estivesse acontecendo uma outra disputa, a disputa entre duas concepções de história baseadas em centros distintos — o movimento social-democrata contra as forças burguesas — para que a concepção “espacial” do nazismo viesse se oferecer como a verdadeira salvação. Além disso, seria necessário lembrar o fato de que, diante do ambiente caótico criado pela disputa em questão, parte considerável da burguesia não hesitou em abandonar — no mínimo taticamente — sua crença na salvação histórica para dar lugar privilegiado à segurança oferecida pela sacralização do espaço germânico. Desta forma, é notório como as análises políticas e a exposição da história feitas por Tillich não podem ser lidas no sentido de descrições. Não reside aí o seu ponto forte. Em favor de Tillich deve ser acrescentado, no entanto, que também não é aí que reside a sua intenção.

Um segundo problema está na identificação prática que ocorre entre formas religiosas em si muito distintas. De acordo com o esquema proposto por Tillich, ficam no mesmo campo do movimento nazista as religiões místicas, o pensamento helênico e as “religiões primitivas”. Todas elas são enquadradas sob a rubrica de *concepção não-histórica da história*. Se isto é assim ou não, deveria ser demonstrado a partir de análises próprias a respeito da concepção de história subjacente a cada uma destas formas religiosas. Acontece que, no caso da discussão da concepção política, sua proximidade em relação à elaboração da filosofia da história tende a fazer imaginar também uma identificação entre as conseqüências conservadoras das formas religiosas que privilegiam a sacralização do espaço. Isto também ainda careceria de uma demonstração.

Nem por isto o exercício de Tillich deixou de ser produtivo. Bem pelo contrário. A sua elaboração possibilitou a apresentação de um *modelo ideal* que está à disposição para demonstrações ou contestações. A virtude da apresentação de uma filosofia da história como a sua não está no seu poder descritivo, mas no oferecimento de parâmetros que possibilitem examinar configurações concretas. Particularmente a tipologia baseada nas categorias *espaço* e *tempo* possibilita análises frutíferas. Tanto é assim que o próprio Tillich a retrabalhou com bastante fecundidade em suas obras posteriores, especialmente na apresentação de sua *Teologia Sistemática*.

No que concerne especificamente à questão política, o fato é que a exposição filosófica de Tillich não deixou de ter seus efeitos práticos. Foi certamente alcançado, por exemplo, o objetivo de questionar a aliança existente — e imaginada como natural — entre o conservadorismo e a religiosidade cristã, e isso através da apresentação da concepção histórica-transformadora como a mais condizente com uma revelação histórica com sentido transformador. Isto se vê tanto no impulso que o pensamento de Tillich oferece à defesa da liberdade quanto nas conseqüências nefastas que ele mesmo teve de experimentar em função das idéias que estava defendendo — a perda de sua cátedra e o exílio.

### 5.2 - Sobre os Conceitos *Kairós* e *Teonomia*

O conceito *kairós* é um dos elementos centrais do pensamento de Tillich, intimamente ligado com a sua ontologia. É impossível compreendê-lo adequadamente a não ser examinando a sua proposta ontológica. De acordo com Tillich, a realidade não se resume simplesmente ao real dado, observável. A realidade tem uma profundidade, um fundamento. Tudo o que é tem seu fundamento no *poder de ser*. Este poder de ser é transcendente no sentido de que não se limita aos dados objetivos que se encontram no mundo. De maneira nenhuma, no entanto, se pode conceber este *poder de ser* de uma forma sobrenatural. Ele representa a fonte ou o fundamento do que é, mas não pode ser representado como um ser. Só simbolicamente o *poder de ser* aparece como um ser. É justamente pela incapacidade de representação pelos seres humanos finitos desta realidade transcendente que os símbolos são importantes elementos de manifestação do transcendente. Ora, qualquer manifestação de um tal símbolo do *fundamento do ser* representa aquilo que é expresso pelo termo *kairós*. Trata-se, na linguagem teológica cristã clássica, de uma revelação. Novamente, é importante frisar: dentro da estrutura de pensamento de Tillich, não se trata de uma revelação de um ser sobrenatural para este mundo natural. Trata-se da manifestação do *fundamento do ser* sob uma forma simbólica numa dada correlação histórica.

Particularmente no que se refere à política, este uso do conceito é interessante porque ele não permite um divórcio entre a realidade política e a realidade religiosa. Trata-se do conceito que fundamenta a possibilidade de revelação em qualquer âmbito da existência, inclusive e fundamentalmente na área social. Em segundo lugar, o conceito *kairós* também permite que se dê atenção ao elemento não-racional da esfera política. Isto porque aqui fica evidente que a configuração histórica em que acontece uma irrupção do *kairós* não pode ser premeditada. Ao mesmo tempo, no entanto, isto não significa que o *kairós* seja um acontecimento em que a ação humana esteja ausente. Bem pelo contrário, a irrupção de um símbolo do *poder de ser* sempre pressupõe a busca por e a reformulação do sentido da existência pelas pessoas humanas — e também no nível coletivo e político isto é assim. Uma transformação das condições de existência é a construção de um novo sentido na esfera da realidade, mas esta construção se dá a partir do que a realidade apresenta como potência. Neste sentido, não é só a consciência humana que reconstrói o sentido; é a reserva de sentido — e há muito de não-racional nisso — representada pelo *poder de ser* que irrompe num *kairós* refundando a própria realidade.

Quanto ao conceito de *teonomia*, há uma dificuldade no pensamento de Tillich quanto ao caráter realizável que ele deve expressar. A raiz romântica conservadora do termo parece se impor à percepção da realidade que ele quer enfocar.<sup>14</sup> Isto é ainda mais manifesto por Tillich muitas vezes apresentar como o exemplo clássico de uma sociedade teônoma a Idade Média. Conforme ele, neste período histórico a estrutura social expressava uma elaboração de sentido compartilhada praticamente por toda a sociedade. E este sentido fundamental se manifestava em todas as esferas da existência, na política, nas artes, na religião, na arquitetura. É verdade que Tillich também afirma que o ideal teônomo não é nunca atingido.

---

14 Ele mesmo teve de reagir a essa observação já no início de sua atividade teológica, cf. TILLICH, *A Era Protestante*, p. 236 [originalmente: *Religiöse Verwirklichung*, p. 63; versão inglesa: *The Protestant Era*, p. 220].

Só existe uma aproximação a este ideal.<sup>15</sup> Mas esta deveria ser uma afirmação mais conseqüente. Seria necessário optar entre apresentar a teonomia como um ideal e apresentar a história do Ocidente dentro do esquema *teonomia original*— *heteronomia* — *autonomia* — *nova teonomia esperada*, como ele faz. Dentro deste esquema, a Idade Média parece representar a teonomia original, a Idade Média tardia representa a heteronomia, o período do domínio burguês representa a crítica à heteronomia a partir da luta pela liberdade formal (vazia de sentido), e a nova teonomia futura representa a configuração social esperada, onde a liberdade humana estará unida ao sentido manifestado no seu *kairós* fundante. Fazer esta opção, no entanto, é justamente o que Tillich não deseja, devido à sua pretensão de apresentar os seus modelos não como realidades vazias, mas como fundamentados na realidade histórica.<sup>16</sup> Parece, no entanto, que este objetivo não é plenamente alcançado por Tillich. Suas reconstruções históricas dão às vezes a impressão de uma elaboração um tanto quanto forçada. Também aqui é necessário ler estas descrições com o devido cuidado.

Além disso, o termo *teonomia*, utilizado como expressão do ideal, também se mostra problemático. Ele parece remeter de uma forma por demais acentuada à uma fonte sobrenatural para o seu estabelecimento prático — o que certamente não é o seu objetivo.

### 5.3 - Sobre a Apreciação do Socialismo e do Marxismo

O interessante, no que se refere à discussão que Tillich desenvolve a respeito do socialismo, não é tanto a descoberta de sua posição política pessoal ou a reconstrução da sua trajetória pessoal desde a participação no movimento do socialismo religioso em direção a um distanciamento à temática política. O interessante está, antes, na forma de interpretação da realidade política. Esta se fundamenta principalmente na sua filosofia da religião. As categorias utilizadas

---

15 Tillich, *Religionsphilosophie*, in: *Gesammelte Werke*, Bd. 1, Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1959, p. 363.

16 Cf. o que já foi exposto na nota 3.

para discutir o tema da política são análogas às empregadas na análise de movimentos religiosos.

Isto tem inicialmente uma conseqüência negativa manifesta. Tem-se constantemente a impressão de que Tillich está tentando ontologizar realidades concretas em suas análises. Para a compreensão de um escrito como *A Decisão Socialista*, é necessário recorrer sempre à história alemã do período entreguerras, pois por trás de alguns termos obscuros estão partidos ou movimentos particulares. Mais uma vez, a descrição das realidades históricas parece tomar um caminho oblíquo.

Por outro lado, prescindindo deste estilo oblíquo, pode-se descobrir considerações interessantes. O emprego de categorias tomadas da sua filosofia da religião possibilita o estabelecimento de analogias reveladoras entre a política e a religião. Mais do que isto, ela aponta para a ubiqüidade da presença de elementos religiosos. Isto porque também na esfera sócio-política ocorre revelação de novas propostas existenciais. Neste sentido, Tillich não discute a separação da religião como uma esfera autônoma, própria da modernidade — ele apresenta o fundamento “divino” se expressando de maneira análoga tanto na religião quanto na política.

Outro elemento interessante pode ser visto no momento da apresentação de sugestões concretas feitas ao movimento socialista. Mais uma vez, em meio a várias sugestões superficiais, é quando ele se atém à analogia entre o religioso e o político que aparecem propostas interessantes. A principal delas diz respeito à valorização dos elementos culturais e simbólicos. Estes elementos tinham sido, na sua opinião, por demais negligenciados pelos grupos políticos que buscavam transformações profundas. Mais uma vez transparece aqui a crítica de Tillich a uma abordagem puramente racional da atividade política. Sem descartar a necessidade de uma apresentação coerente do programa político, Tillich está propondo a utilização consciente dos símbolos que são fatores de identificação popular. Com isso, é possível uma atividade política construtiva, que parte da identidade já construída coletivamente.

#### 5.4 - Sobre o *Princípio Protestante* e a *Gestalt da Graça*

Tillich já foi censurado por reservar de uma forma um tanto quanto abrupta o seu princípio crítico a certas manifestações religiosas, enxergando as demais como acríticas.<sup>17</sup> Na verdade, isto não é exatamente correto. Para Tillich, o princípio protestante é uma realidade universalmente presente, potencialmente. A sua terminologia provém novamente do modo como Tillich realiza suas análises e descrições históricas. Para ele, o protestantismo historicamente manifestava este princípio de uma forma muito mais patente. Nos seus textos fica claro, entretanto, que ele nunca quis reduzir a efetividade do princípio a determinados grupos. Na verdade, pode-se justamente defender o oposto: com a elaboração da noção de *princípio protestante*, Tillich tinha como um dos objetivos certamente a crítica à atividade política da sua própria igreja protestante. A formulação do modelo ideal a partir da interpretação da história passada visava apontar justamente para a alteração do lugar onde este princípio estava se manifestando de forma mais contundente no seu tempo — e na análise de Tillich isto estava ocorrendo no movimento socialista.

É verdade, no entanto, que este *princípio protestante* é por ele contraposto à *substância católica*. Se o primeiro representa a crítica formal, a segunda manifesta a tradição cultural e a institucionalização. Mas para Tillich um elemento não vive sem o outro. O *princípio protestante* não pode existir sem institucionalização nem sem uma tradição que o defenda. Assim como a *substância católica* não tem como ser uma tradição viva sem o elemento dinâmico que a renove constantemente. Neste sentido, a nomenclatura é expressão de que Tillich vê a divisão histórica como apresentando uma faceta trágica, pela acentuação demasiada em um ou outro aspecto por cada uma das grandes tradições do cristianismo ocidental.

Em todo caso, como Tillich discutia principalmente no âmbito protestante, ele também apresentou a *Gestalt da graça* como uma

---

17 Cf. Juan L. SEGUNDO, *O Dogma que Liberta*, São Paulo: Paulinas, 1991, p. 345.

expressão que representava de forma mais generalizável a necessidade prática de uma institucionalização para a existência do *princípio protestante*. Trata-se, no entanto, de uma institucionalização muito mais efêmera do que a que evoca o termo *substância*. Neste sentido, a *Gestalt da graça* é manifestação de uma configuração histórica concreta que resulta na irrupção de um protesto cujo objetivo é crítico em sua essência. Mas a crítica não existe sem uma forma de afirmação. Esta idéia também foi usada por Tillich para criticar o que ele chamou de caráter “gnosticizante” da teologia de Karl Barth, em quem ele enxergava uma absolutização do protesto ou da crítica. Para ele, faltava a Barth a afirmação que precede todo protesto.<sup>18</sup>

Independentemente de sua terminologia, a elaboração de Tillich permite aproximar o discurso religioso da análise política através de uma dialética interessante. A polaridade entre forma e crítica perpassa, para ele, toda a realidade. Deste modo, tanto o debate político entre as facções que disputam o poder numa dada sociedade quanto o debate eclesial em que a temática política se faz presente devem se mostrar abertos ao caráter afirmativo que precede e que sucede à crítica — sob pena de se elaborar um discurso inócuo. Isto atinge de forma toda especial as pretensões à neutralidade política do discurso. Quando uma instituição religiosa pretende tal neutralidade, ela está abdicando de sua função crítica, mas está ao mesmo tempo afirmando a realidade existente, mesmo que involuntariamente. Por outro lado, também a pretensão dos poderes políticos de isolar a religião como um âmbito privado da existência não é factível, devido ao fato de religião e política serem expressões particulares da formação cultural que as constitui. O debate “puramente religioso”, neste sentido, não deixa nunca de ser um debate ao mesmo tempo político por afetar — seja crítica, seja afirmativamente — a cultura em que está inserido.

É interessante, no entanto, que o próprio Tillich por vezes tenha dado espaço à incoerência no seu pensamento a este respeito. Isto ocorre quando ele sugere posturas de neutralidade por parte

---

18 Cf., p. ex., TILLICH, *A Era Protestante*, 1992, p. 244.

da instituição eclesiástica frente à situação política existente.<sup>19</sup> Até mesmo a respeito do movimento do socialismo religioso pode-se ver a reivindicação de que este não deveria fazer opções políticas concretas.<sup>20</sup>

Fundamentalmente, no entanto, especialmente no período de sua atividade inicial, Tillich conclamava a tomadas de posição concretas, para se superar uma distinção entre religião e política sustentada de forma hipócrita:

Este conceito [teonomia] não se refere de modo algum à afirmação de uma inabituação substancial do divino no mundo. Também não à afirmação de que nele o eterno se torne temporal. Pois tudo isto seria auto-afirmação, autojustificação do finito, encobrimento do fato de que ele se localiza alienado da essência, no pecado. Mas com a idéia da teonomia se dá à mensagem evangélica uma norma para o julgamento, norma que ela deve praticar na ética concretamente — e não só dialeticamente. É claro que ela não pode ter esta norma à mão, como um manual. Sua aplicação é sempre risco. Parece-me, no entanto, que está na hora de a igreja, a cristandade, arriscar este risco.<sup>21</sup>

---

19 Cf. TILLICH, Protestantism as Critical and Creative Principle, reimpresso in: *Political Expectation*, p. 36-7 [originalmente: *Der Protestantismus als Kritisches und Gestaltendes Prinzip* (1929), in: *Gesammelte Werke*, Bd. 7, Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1962, p. 51]; ID., An Evaluation of Martin Buber: Protestant and Jewish Thought, in: *Theology of Culture*, New York: Oxford University Press, 1959, p. 197.

20 Cf. o seu ensaio intitulado “Kairos”, de 1922, reimpresso como capítulo III in TILLICH, *A Era Protestante*, p. 80.

21 ID., Zum Problem der Evangelischen Sozialethik, in: *Religiöse Verwirklichung*, p. 311-12; cf. tb. a afirmação feita posteriormente em ID., *Systematic Theology*, v. 3, Chicago: The University of Chicago Press, 1963, p. 212-16, onde Tillich dá importância à função crítica das igrejas em relação ao Estado, e também afirma com cautela a necessidade de contribuições positivas que podem ser feitas pelas igrejas ao Estado.

## Bibliografia

- PAUCK, Wilhelm, PAUCK, Marion. *Paul Tillich— His Life and Thought*. San Francisco: Harper & Row, 1989.
- SEGUNDO, Juan L. *O Dogma que Liberta*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- TILLICH, Paul. *Religiöse Verwirklichung*. 2. Aufl. Berlin: Furche Verlag, 1930.
- . *Theology of Culture*. New York: Oxford University Press, 1959.
- . *Gesammelte Werke*. Hrsg. Renate Albrecht. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1959ss.
- . *Christianity and the Encounter of World Religions*. New York/London: 1963.
- . *Systematic Theology*. Vol. 3. Chicago: The University of Chicago Press, 1963.
- . *Political Expectation*. Lanham: University Press of America, 1971.
- . *A Era Protestante*. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992.

*Eduardo Gross*  
*Rua Professor Freire, 34/403*  
*São Mateus - Juiz de Fora - MG 36025-250*